

A INSUSTENTABILIDADE DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: UM PANORAMA DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Giordana Urize Paiva – giorurizepaiva@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Rua Defino Conti, s/n, Trindade
88040900 – Florianópolis – Santa Catarina

Natália Maleski de Sá – natalia.sa@polo.ufsc.br
Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Rua Defino Conti, s/n, Trindade
88040900 – Florianópolis – Santa Catarina

Resumo: *A partir da chamada Primeira Revolução Industrial, a natureza passou a ser percebida com base na racionalidade econômica. Esta mudança brusca no contexto social trouxe um aumento exponencial na produção em larga escala, gerando um também exponencial aumento e incentivo ao consumo. Esta relação de produção e consumo passou a alimentar a si própria, tornando-se perigosa. Em meio a este cenário, o ser humano começa a vivenciar as consequências da larga extração de recursos naturais, como o carvão e o petróleo, e da poluição. Diante disso, na segunda metade do século XX, a ONU passou a promover uma série de convenções e encontros com o objetivo de reverter esta situação. Assim, surgiu o conceito de Desenvolvimento Sustentável, que engloba não apenas aspectos ambientais, mas também aspectos econômicos e sociais. O presente artigo tem por objetivo mostrar uma análise mais aprofundada acerca deste termo e criar um panorama da sociedade atual, baseado em suas formas de vida, produção e consumo. Em suma, será mostrado como o conceito de Desenvolvimento Sustentável foi deturpado desde sua criação, e que sua aplicação se torna utópica.*

Palavras-chave: *Sustentabilidade, Sociedade de Consumo, Relação com a Natureza.*

1 O HISTÓRICO

Nunca antes ouvimos tanto falar em sustentabilidade como nos dias atuais. Mas, afinal, o que é sustentabilidade?

Todos os seres vivos retiram do meio ambiente as bases materiais básicas à sua existência, o que significa que todos os seres vivos interferem de alguma maneira na natureza. No entanto, a espécie humana age na natureza muito mais intensamente do que os outros animais.

1.1. A Ruptura

Ao longo da história, os homens já criaram inúmeras sociedades e diversos tipos de relação com a natureza. Em cada uma dessas sociedades, a natureza possuía um significado próprio, segundo os valores e objetivos das pessoas. Nas sociedades consideradas primitivas, não apenas tínhamos a natureza como espaço de vida, mas nos enxergávamos como parte dela. Mas, ao longo dos milhares de anos da história da humanidade, houve um imenso desenvolvimento nas relações sociais, o que promoveu a ruptura entre o “mundo natural” e o “mundo social”. Dessa ruptura, surgiu uma nova relação com a natureza: além de suprir o necessário para a sobrevivência humana, a natureza serve também para satisfazer necessidades socialmente construídas. Sendo assim, a relação ser humano *versus* natureza vai variar historicamente de acordo com o modo de produção, a estrutura de classes, as tecnologias disponíveis e a cultura de cada sociedade.

1.2. Revolução Industrial

O momento de maior destaque e aumento da exploração da natureza data do início da Idade Contemporânea. Com a Revolução Industrial, marcada pelo desenvolvimento das máquinas à vapor (por volta de 1760), a natureza passou a ser percebida a partir da racionalidade econômica. Os avanços tecnológicos fizeram emergir um novo conceito de progresso e proporcionaram a exploração de recursos naturais em uma escala nunca antes vista. A exploração foi aprofundada pela invenção do motor alimentado por combustíveis (1876) e o domínio da eletricidade (1870). Todas essas inovações geraram a necessidade de extração de recursos, como o petróleo, de maneira sistemática e em grande quantidade.

Essa transformação repentina foi responsável por incríveis melhorias tecnológicas, bem como crescimento econômico. Mas diversos problemas decorreram da falta de responsabilidade ambiental que tivemos frente à exploração de recursos naturais por um longo período de tempo. Imersos na mentalidade da época, os seres humanos encaravam a poluição das fábricas como característica de uma civilização vitoriosa e próspera e, como diziam os ingleses na época da Segunda Revolução Industrial, "onde há poluição, há progresso". Além disso, as grandes raízes do consumismo podem ser atreladas a este momento, o que é um dos grandes obstáculos para a preservação ambiental.

1.3. A Definição

Na década de 1960, ainda na efervescência das profundas mudanças socioculturais, iniciam-se as grandes reflexões sobre os danos causados ao meio ambiente. Começam então os primeiros esforços em prol dos limites de desenvolvimento do planeta e dos riscos da degradação ao meio ambiente. O primeiro encontro mundial se deu em Estocolmo, na Conferência sobre o Meio Ambiente (1972), onde foi introduzido o primeiro conceito básico de Desenvolvimento Sustentável (DS), que na época foi chamado de “Ecodesenvolvimento”. Mas o grande marco da definição do desenvolvimento sustentável ocorreu em 1987, quando as Nações Unidas criaram a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Este encontro resultou no famoso “Relatório de Brundtland” ou, como também é conhecido, “Nosso Futuro Comum”. Neste relatório, ficou estabelecido que o DS é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas.

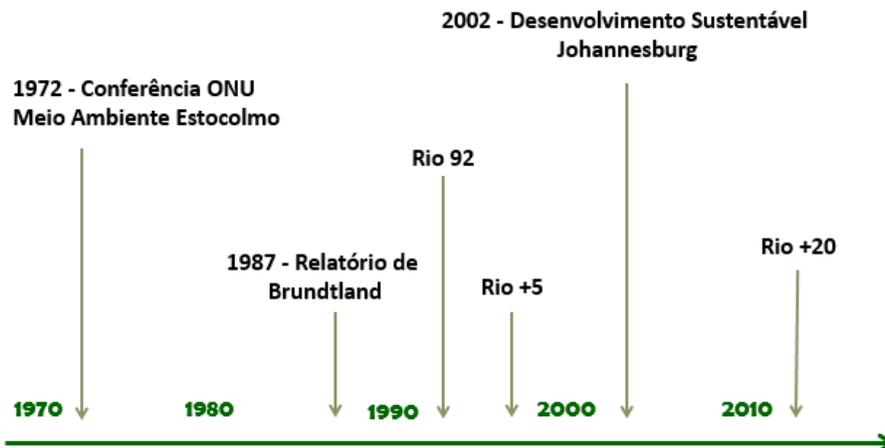


Figura 1 – Linha do tempo das conferências e tratados a respeito da Sustentabilidade (Souza, F., p.4)

Este conceito deu margem a várias interpretações que, de maneira geral, tratou erroneamente por muito tempo a sustentabilidade como estando diretamente relacionada ao meio ambiente.

Na cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, da ONU, realizada em Johannesburgo, África do Sul, em 2002, foi estabelecido que o DS se baseia na verdade em 3 pilares: desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e proteção ambiental. Segundo Dias (2006, p.33), “o predomínio de qualquer um destes eixos desvirtua o conceito de sustentabilidade”.

2 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: FARSA OU POSSIBILIDADE?

O modelo econômico adotado pelo homem baseia-se numa ilusão criada pelo capitalismo. Tratamos o crescimento econômico como “um sistema aberto, que depende de um suprimento contínuo e inesgotável de matéria e energia” (Braga, 2006). Ou seja, não existem limites para o crescimento, não existem metas a atingir, a não ser crescer mais. E, para que se continue crescendo, é preciso dispor de suprimento inesgotável de energia, suprimento inesgotável de matéria e capacidade infinita de reciclar matéria e absorver resíduos. No entanto, vivemos num ambiente finito, tornando isto a primeira grande insustentabilidade diante da aplicação do Desenvolvimento Sustentável.

2.1.Crescimento econômico e o impacto social

Além do modelo atual fundamentar-se ignorando a existência da limitação ecológica, ignora também a necessidade humana. O crescimento é um fim, e não um meio, e o meio de se chegar até ele é através de sua ferramenta mais poderosa: o ser humano.

Produzir é crescer

Como a possibilidade de se produzir aumentou exponencialmente com a Revolução Industrial, o nível de produção virou parâmetro para medir crescimento. Obter cada vez mais lucro, aumentar a riqueza, vender, vender e vender. Para produzir, é necessário vender. Para que as indústrias possam continuar produzindo, é necessário manter um regime permanente de saída de produtos, que sustente o crescimento. Surge então a principal estratégia de venda das indústrias e empresas: criar necessidades.

Sociedade de consumo e marketing

Desde de os primeiros contatos sociais da infância há indução de consumo através de propagandas de artigos infantis, criadas por equipes especializadas em manipular e atrair a atenção especificamente de crianças. Cria-se assim os primeiros vínculos cerebrais com a necessidade de consumir.

Para que o crescimento se sustente, é necessário tornar o consumo contínuo. Cria-se então modelos sociais que padronizam pessoas perfeitas e tendências, as quais todo o resto da sociedade deve ser e seguir. Cria-se então a necessidade de querer, ter e comprar. Além disso, incentivado por um marketing excessivo, o desejo do status e a necessidade de adquirir novos produtos trazem uma momentânea sensação de felicidade, falsa, porém gratificante, criando novos vínculos cerebrais, os quais atrelam “ter” com “ser feliz”.

“De modo alienante, consumimos impulsivamente, sem nenhuma reflexão prévia, e compramos aquilo de que não necessitamos, que usaremos poucas vezes ou por muito pouco tempo, a fim de nos exibir para quem não conhecemos” (SILVA, 2014).

Alienação e mídia

As altas jornadas de trabalho, que tomam conta de ao menos um terço do dia das pessoas, contribui não só para manter a produção em alta, mas para gerar pessoas esgotadas e mentalmente cansadas, a procura de momentos de lazer e felicidade.

Neste contexto, a mídia entra como mais um componente para manter a máquina funcionando, promovendo grande carga de propagandas, mostrando pessoas felizes comprando, bebendo, gastando, induzindo assim caminhos na mente que atrelam um ao outro. Além disso, a programação televisiva tem majoritariamente um caráter de entretenimento, com programas dos mais variados tipos, que mostram desde apresentadores ricos ajudando pessoas pobres até novelas que mostram histórias de pessoas pobres trabalhando duro, mas “vencendo na vida”. Tudo isso ajuda a consolidar a ideia de que todos podem ser ricos, todos podem ter a vida dos sonhos, basta trabalhar, basta ser o modelo que o capitalismo espera.

A impressão que fica incrustada nas pessoas é que, se você não chegou lá, é porque não trabalhou o suficiente. Estão todos em busca do sucesso, da riqueza, da vida que se vê na televisão, da vida que os patrões têm. Para isso, é preciso acordar cedo, trabalhar duro, comprar, ser, vestir, ter, pagar, permanecer nessa jornada, pois talvez algum dia você será recompensado. E, no meio dessa jornada de busca pelo crescimento econômico pessoal, as pessoas sustentam o modelo e enriquecem corporações que nem conhecem, enquanto suas próprias vidas passam, um tanto despercebidas.

Mão-de-obra barata e pobreza

A mão-de-obra barata é uma das maneiras mais imediatas e eficazes de promover aumento de lucro. Vendendo pelo mesmo preço, mas pagando menos para que o produto ou serviço seja feito, o lucro aumenta.

Diversas marcas famosas de vestuário, como Zara, M Officer, Riachuelo, e mais recentemente a Marisa, estão associadas a denúncias de trabalhadores em condições precárias, análogas ao trabalho escravo. Marcas de chocolate como Nestlé, Hershey's e Kraft são acusadas de utilizar cacau proveniente do uso de mão de obra infantil. E esses são apenas alguns dos casos que são divulgados pela mídia.

Outro clássico exemplo são produtos de grandes marcas que são “*Made in Taiwan*” “*Made in Vietnam*”. Esses países possuem mão de obra, em sua maioria, barata e desqualificada, além de poucos direitos trabalhistas, fiscalização branda e diversos incentivos fiscais. Muitas empresas se aproveitam dessas “vantagens” para reduzir custos de produção, que, então, são enviados para os países desenvolvidos, vendidos por preços exorbitantes e sustentados por elaboradas campanhas de marketing.

2.2. Crescimento econômico e impacto ambiental

Dado o *boom* no crescimento da produção e da compra contínua, o meio ambiente foi e é extremamente prejudicado pela ação humana, continuamente, em níveis catastróficos. Para suprir a alta produção, a retirada de recursos naturais é imensa e não ocorre de maneira sensata.

Para que o desenvolvimento seja sustentável, em sua primeira definição, é preciso que não se esgotem os recursos, de forma que as gerações futuras possam também fazer uso deles. No entanto, recursos como petróleo e carvão, que têm sustentado a base de diversas indústrias, fazendo parte da energia, combustível e até mesmo composição química de produtos, são usados largamente, e são finitos. Sua taxa de renovação na natureza supera milhões de anos, sendo não renováveis na escala de tempo humana. Embora sua escassez não seja de fato iminente, em algumas centenas de anos eles terão sido esgotados. Depara-se aqui com outra grande insustentabilidade diante da aplicação do Desenvolvimento Sustentável.

Interferência nos ciclos biogeoquímicos

A biogeoquímica é a ciência que estuda a circulação de matéria entre os componentes vivos e componentes físico-químicos da biosfera. Segundo Albuquerque (2007), os elementos fundamentais à manutenção da vida são incorporados aos organismos em forma de compostos orgânicos ou participam de diversas reações químicas essenciais às atividades dos seres vivos. Estes elementos fazem parte dos chamados ciclos biogeoquímicos, tais como o ciclo da água, o ciclo do enxofre, do carbono e do oxigênio. Todos estes ciclos possuem um equilíbrio de acontecimento mútuo, mas as ações humanas sobre a natureza têm causado concretas alterações neste equilíbrio.

No ciclo da água, por exemplo, uma das etapas primordiais é a de evaporação. A grande liberação de gases que contribuem para o efeito estufa alteram o equilíbrio de evaporação no ciclo da água, modificando a precipitação e o regime de chuvas, ocasionando fortes secas em determinados locais, e inundações em outros. No ciclo do carbono, ao chegar às reservas de combustíveis fósseis, devolvemos à atmosfera, através da emissão das indústrias, muito mais dióxido de carbono que são capazes de assimilar as plantas, pela fotossíntese, e os oceanos, pela difusão, ocasionando principalmente o aumento da temperatura terrestre e alterando drasticamente o equilíbrio. Por fim, as emissões de gases tóxicos para atmosfera contribuem para o aumento do buraco na camada de ozônio, além de poluir o ar respirado pelos próprios seres humanos. Esta interferência gritante feita pelo ser humano nos ciclos biogeoquímicos traz sérios riscos à continuidade da vida na natureza.

Obsolescência Programada

A obsolescência programada veio como uma das artimanhas de melhor potencial para aumentar o consumo: diminui-se a vida útil dos produtos para que esse possa ser substituído em um tempo hábil para haver a lucratividade desejada.

“[...] a obsolescência programada é responsável por uma série de problemas ambientais, em especial pelo aumento do descarte de resíduos sólidos. Tendo como base sólida um sistema consumista, que atua em dissonância das premissas ecológicas, esta estratégia torna-se sério entrave à mudança do pensamento econômico, que privilegia a produção em massa de bens em detrimento da sustentabilidade, incluindo a obsolescência programada como responsável pelos altos índices do PIB de uma nação e pela manutenção do sistema capitalista em nossa sociedade de consumo” (Bellandi e Augustin, 2015).

A existência da obsolescência programada prova de fato que a necessidade humana de forma alguma supera a necessidade de lucro. Embora haja o potencial para se produzir bens de alta durabilidade e alta qualidade, de forma a equilibrar o descarte de resíduos e a extração de recursos, isso não é bom para os negócios. Pelo contrário, acabaria incapacitando o modelo econômico atual.

Geração de lixo e rejeitos

Dada a Revolução Industrial e a consolidação da sociedade de consumo, os níveis de lixo produzido diariamente tornaram-se alarmantes. Mas, os agravantes da geração de lixo vão além do consumismo.

Segundo Fadini e Barbosa (2001), considera-se “lixo” uma grande diversidade de resíduos sólidos de diferentes procedências, dentre eles o resíduo sólido urbano gerado em nossas residências. A taxa de geração de resíduos sólidos está relacionada aos hábitos de consumo de cada cultura. Em geral, considera-se lixo aquilo que não tem mais utilidade. Mas, utilidade para quem?

Lixo para as indústrias são rejeitos gerados por ela e que não possuem nenhum valor de uso ou econômico. Lixo para as pessoas são na grande maioria as embalagens dos produtos por elas consumido, e que não possui mais nenhuma finalidade a ela. A praticidade vivida pela sociedade de hoje é um grande agravante na geração de lixo, uma vez que tudo que se consome é pensado com embalagens para descarte fácil. No entanto, este descarte não é o descarte real.

“[...] grande parte da população acredita que o simples fato de colocar os resíduos nas lixeiras, longe de suas residências, para o caminhão coletar é o bastante, como se o caminhão de coleta fosse a solução [...]” (Siqueira e Semensato, 2011).

Produz-se lixo quase que inconscientemente, de maneira sistemática e inevitável, sem que se pergunte para que e para onde vai. Os rejeitos industriais em grande maioria não são tratados e descartados corretamente, assim como o lixo urbano mais simples. Existem maneiras consideradas corretas para o descarte, além do reaproveitamento. No entanto, além de não gerar lucros, ainda gera um gasto extra.

Lixo urbano, lixo industrial, lixo hospitalar, lixo eletrônico, são diversos tipos de lixo, e, no entanto, pouco se fala em alternativas para frear sua produção.

3 HÁ ESPERANÇA?

A principal chance de melhoria está nas pessoas e nas suas ações pessoais. A mudança não virá de cima, enquanto o modelo se manter lucrativo para as corporações, mas ocorrerá aos poucos em pequenas ações pessoais. Mudanças de pensamento, de comportamento e dos padrões de vida e de consumo são passos muito importantes para retardar o esgotamento dos recursos naturais e da poluição do meio ambiente e, quem sabe, modificar ao longo do tempo o modelo econômico atual.

Um bom exemplo de medida de mudança pessoal é o 3R's da sustentabilidade (reduzir, reutilizar e reciclar), que são ações práticas que tem por objetivo estabelecer uma relação mais harmônica entre o consumidor e o meio ambiente. Reduzir o consumo de produtos e serviços que não precisamos, reduzir o uso de energia, de água e de combustíveis, reutilizar roupas, folhas de papel, embalagens, produtos eletrônicos, reciclar os resíduos descartados, bem como descartá-los de forma correta são ações pontuais e imediatas que cada um pode fazer e que pode contribuir significativamente para a melhoria da natureza.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do panorama exposto, mostrando alguns dos impactos sociais e ambientais causados pelo crescimento econômico, é possível fazer algumas conclusões. Segundo Bellandi e Augustin (2015), a intenção do modelo econômico atual é mercantilizar todas as experiências de consumo, a qualquer momento e também a qualquer idade, adaptando-se às expectativas dos consumidores bem como criando neles expectativas de interesse econômico, reduzindo os ciclos de vida dos produtos, segmentando os mercados, favorecendo o crédito, fidelizando assim o consumo contínuo.

Não se pode negar que, embora o modelo atual traga consigo toda a carga apresentada anteriormente neste artigo, os avanços tecnológicos são imensos e têm crescido exponencialmente no cenário atual. Mas, citando Albuquerque (2007), “embora a ciência e a técnica atinjam patamares cada vez mais elevados, melhoram a qualidade de vida de poucos”.

Prioriza-se o lucro. É possível se atrever a dizer que o lucro se tornou o Deus da atualidade. E, para sustentar este ser supremo, faz-se de tudo possível, em detrimento de priorizar necessidades básicas sociais e ambientais. Mesmo que exista uma crescente vontade de tentar reverter esta situação, as medidas são pequenas, não bastam à proporção que tomou a exploração de recursos, a poluição e a exploração social. Medidas possivelmente eficazes de reutilização de lixo, diminuição de embalagens, reciclagem, desenvolvimento e substituição de tecnologias e processos, não compensam economicamente para as empresas e indústrias, não ganhando espaço para a prática.

Diante dos fatos, fica claro que o Desenvolvimento Sustentável é impraticável em sua essência, que diz que além de nos preocuparmos em não esgotar os recursos para as gerações futuras, devemos equilibrar os patamares econômico, ambiental e social. Não existe equilíbrio. Existem pequenas medidas, mas nunca o equilíbrio. O crescimento econômico do desenvolvimento capitalista, segundo Espíndola e Arruda (2008), é completamente contraditório à proteção do meio ambiente e à justiça social. Mesmo que se notem tentativas de fazer com que estes termos andem juntos, o econômico tende a superar sempre qualquer possibilidade de equilíbrio se assim não o for viável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Bruno Pinto de. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental**: Monografia de conclusão do curso de Ensino Médio Integrado ao Ensino Técnico de Laboratório de Bodiagnóstico em Saúde - Rio de Janeiro, RJ. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ATITUDES SUSTENTÁVEIS. **Sustentabilidade? O que é sustentabilidade?**

Disponível em:

<<http://www.atitudessustentaveis.com.br/sustentabilidade/sustentabilidade/>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

BELLANDI, D.; AUGUSTIN, S. **Obsolescência programada, consumismo e sociedade de consumo: uma crítica ao pensamento econômico**. Anais – XXIV Encontro Nacional do COPENDI, UFS, Florianópolis, 2015.

BRUNDTLAND, Harlen G. **Our Common Future (The Brundtland Report)**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

DE SOUZA, F; ALENCASTRO, M. **Desenvolvimento Sustentável: Realidade ou Utopia?** Faculdade de Educação Superior do Paraná, 2012.

EM DISCUSSÃO. **ONU estabelece três pilares para o desenvolvimento sustentável dos países: econômico, social e ambiental**. Disponível em:

<<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/rio20/temas-em-discussao-na-rio20/onu-estabelece-tres-pilares-para-o-desenvolvimento-sustentavel-dos-paises-economico-social-e-ambiental.aspx>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

ESPÍNDOLA, M.; ARRUDA, D. **Desenvolvimento sustentável no modo de produção capitalista**. Revista Visões, Maca 4ª Edição, Nº4, Volume 1, 2008.

MUCELIN, C.; BELLINI, M. **Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano**. Revista Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20, 111-124, jun.2008

PENSAMENTO VERDE. **A Revolução Industrial e o Meio Ambiente**. Disponível em: <<http://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/relacao-entre-revolucao-ambiental-e-meio-ambiente/>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Origem e Histórico do Desenvolvimento Sustentável**.

Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/origem-e-historico-do-desenvolvimento-sustentavel/24322>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de desenvolvimento para o século XXI: desenvolvimento e o meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes consumistas**. 1º Edição. São Paulo: Editora Globo, 2014.

SIQUEIRA, A; SEMENSATO, L. **Resíduos sólidos: problemas e desafios**. Centro Universitário de Goiás Uni-ANHANGUERA. Gestão Ambiental. 2011.

TERA AMBIENTAL. **Entenda os três pilares da sustentabilidade**. Disponível em: <<http://www.teraambiental.com.br/blog-da-tera-ambiental/entenda-os-tres-pilares-da-sustentabilidade>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.